Lavoisier



DA ALQUIMIA À QUÍMICA MODERNA

Teatro integrando
ciência, arte e educação

Nelson dos Santos Moreira
Luiz Antônio Botelho Andrade
Maura Ventura Chinelli

Lavoisier

DA ALQUIMIA À QUÍMICA MODERNA

Teatro integrando
ciência, arte e educação

LF EDITORIAL
2026

Copyright © 2026
Nelson dos Santos Moreira, Luiz Antônio Botelho Andrade e Maura Ventura Chinelli

Editores
José Roberto Marinho
Victor Pereira Marinho

Design editorial e capa
Waldelino Duarte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moreira, Nelson dos Santos
Lavoisier: da alquimia à química moderna: teatro integrando ciência, arte e educação / Nelson dos Santos Moreira, Luiz Antônio Botelho Andrade, Maura Ventura Chinelli. - São Paulo: LF Editorial, 2026.

Bibliografia
ISBN 978-65-5563-812-7

1. Educação formal 2. Educação não formal 3. Lavoisier, Antoine Laurent, 1743-1794 4. Química 5. Teatro I. Andrade, Luiz Antônio Botelho. II. Chinelli, Maura Ventura. III. Título.

26-388312.0 CDD-540

Índices para catálogo sistemático:

1. Química 540
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais foram os meios empregados sem a permissão da Editora. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei Nº. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

LF Editorial
www.livrariadafisica.com.br
www.lfeditorial.com.br
(11) 2648-6666 | Loja do Instituto de Física da USP
(11) 3936-3413 | Editora

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

CAPÍTULO I
TEATRO, EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA 13
TEATRO 15
TEATRO NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA 16
TEATRO PARA A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA 18

CAPÍTULO II
O NASCIMENTO DA QUÍMICA: UM RÁPIDO PASSEIO PELA HISTÓRIA DA CIÊNCIA 21
ALQUIMIA: TENTATIVAS PRIMORDIAIS DE COMPREENDER E DOMINAR A NATUREZA 23
ANTOINE LAVOISIER E O CONTEXTO HISTÓRICO EM QUE SURGIU A QUÍMICA MODERNA 27

CAPÍTULO III
UM TEXTO A SER ENCENADO 35
ELABORAÇÃO DO TEXTO E PREPARAÇÃO DOS ATORES 37
O TEXTO: "LAVOISIER: DA ALQUIMIA À QUÍMICA MODERNA" 40

CAPÍTULO IV
ELEMENTOS CÊNICOS 61
FIGURINO 63
ROTEIROS DOS EXPERIMENTOS REALIZADOS EM CENA 69

CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES FINAIS 73

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 77

APÊNDICE 82
FOTONOVELA: "LAVOISIER, DA ALQUIMIA À QUÍMICA MODERNA" 82

Apresentação

Considerando a potencialidade da arte, tanto no campo produtivo – uso de materiais tradicionais e das novas mídias, em interfaces intercambiáveis – quanto no campo emocional e afetivo – com arranjos singulares e diálogos inusitados entre a técnica, a estética e a poética – é possível revisitar certos conteúdos científicos (discursos e práticas), considerados densos, descontextualizados e herméticos, para torná-los mais palatáveis e mais próximos da realidade [...]

(Andrade; Moreira; Serra, 2012, p. 115)

Este texto tem origem em uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Natureza, da Universidade Federal Fluminense (Moreira, 2014).

Reunindo suas formações, experiências e talentos, Nelson dos Santos Moreira – o primeiro autor – professor de Química e de Teatro, se propôs a estudar o momento histórico em que a Química se impôs como ciência, superando as teses alquímicas que ainda vigoravam no final do século XVIII. Naquela época, Antoine-Laurent Lavoisier foi o personagem central das lutas intelectuais travadas, tornando-se vencedor na dura disputa que resultou na rejeição à Teoria do Flogisto, significando a mudança de paradigmas que hoje nos permite avanços até então impensáveis no campo das transformações materiais. O cenário histórico da vida e da obra de Lavoisier, um francês que trabalhava para a monarquia, coincide com as revoltas populares que culminaram na Revolução Francesa, episódio de grande importância que resultou em significativas transformações sociais em todo o mundo.

Lavoisier encarna as relações entre Ciência e Sociedade. O desenrolar de sua vida pessoal tem contornos quase folhetinescos, o que chama a atenção para a possibilidade de usá-la para abordar aspectos que fazem parte do currículo da educação básica, desvelando o processo científico como um empreendimento humano, inserido na cultura e envolvido nos conflitos humanos. Dessa reflexão, nasceu o projeto do Teatro.

A proposta, bastante complexa, demandou parcerias que assumimos com garra. Com ela, nos propusemos, em equipe, a articular Ciência e Arte a fim de atender ao que tomamos como um chamado, tanto da educação formal quanto não-formal em Ciências: tornar a Química mais acessível, inclusiva, interdisciplinar e contextualizada historicamente.

Nossas experiências têm nos envolvido em um debate, cada vez mais presente nos contextos acadêmicos, acerca de iniciativas que visam aproximar a Ciência – como é comum tratar as Ciências da Natureza – de diferentes formas de expressão artística. Essas aproximações ocorrem tanto por parte de artistas, que buscam na Ciência novos temas e recursos tecnológicos, quanto por professores e pesquisadores, que veem nas artes uma contribuição relevante para imaginar hipóteses, interpretar fenômenos, socializar o conhecimento e despertar interesses. Nesse diálogo entre Ciência e Arte, ambas se enriquecem sem que seja preciso comprometer suas identidades.

Parece haver um sentimento geral acerca das potencialidades dessa associação, mas é, sem dúvida, especialmente relevante o movimento ArtScience de que tratam Bob Root-Bernstein e colaboradores, lançado com a publicação de um Manifesto (Root-Bernstein *et al.,* 2011) em que apresentam argumentos sintéticos, porém relevantes. Os autores apresentam, em 17 pontos, os fundamentos de seu movimento, dos quais destacamos os 8 primeiros:

1. Tudo pode ser compreendido através da arte, mas essa compreensão é incompleta.
2. Tudo pode ser compreendido através da ciência, mas essa compreensão é incompleta.
3. A Arte e a Ciência nos permitem alcançar uma compreensão mais completa e universal das coisas.

4. A ArteCiência envolve a compreensão da experiência humana da natureza através da síntese de modos artísticos e científicos de exploração e expressão.
5. A Arte e a Ciência combinam a compreensão subjetiva, sensorial, emocional e pessoal com a compreensão objetiva, analítica, racional e pública.
6. A ArtScience não se materializa tanto em seus produtos, mas se expressa através da convergência de processos e habilidades artísticas e científicas.
7. A Arte e a Ciência não são Arte + Ciência, Arte e Ciência ou Arte/Ciência, em que os componentes mantêm suas distinções disciplinares e compartimentalização.
8. A arte e a ciência transcendem e integram todas as disciplinas ou formas de conhecimento.

(Root-Bernstein et al., 2011, p. 192)

Ao observar estes aspectos nos damos conta de como está presente, nesta época em que vivemos, o paradigma da Complexidade, tratado por Edgar Morin em sua vasta obra (Morin, 1990, 1998, 2009, 2010, 2020, entre outros). Com o Movimento ArtScience (CiênciArte, como tem sido usado no Brasil), testemunhamos a assunção de um paradigma conciliador que, pela confluência de modos antes isolados de compreender o mundo, nos leva ao encontro de novas intuições e compreensões, necessárias a melhor atender as necessidades humanas. O que é basilar na tese da Complexidade, de Morin.

Este é um debate importante para a educação científica. Vários pesquisadores têm escrito sobre como os contextos criativos têm o potencial de ampliar a cognição e a sensibilidade, facilitando a formação de empatia com disciplinas tradicionalmente vistas como "mais pesadas" (Ruta; Carvalho; Paula, 2024; Araujo-Jorge; Trajano; Mello, 2023; Chinelli; Oliveira; Teixeira, 2021; Figueira-Oliveira *et al.*, 2018; Sawada; Ferreira e Araújo-Jorge, 2017; Silva; Nardi, 2017). Somam-se a esses, experiências que demonstram a versatilidade e a eficácia do teatro como um meio de comunicação científica e educativa, e a potencialidade da

linguagem teatral para disponibilizar conhecimentos científicos a um público não especializado, entre eles, o escolar (Oliveira; Chinelli, 2022; Sant'Ana; Moreira, 2021; Moreira; Marandino, 2015, Chapela; Garritz, 2013; Salomão, 2007). Essas experiências, identificadas como de "teatro científico", afirmam o valor da linguagem teatral para a divulgação científica e para o ensino de ciências quando discutem a importância do teatro na criação de uma conexão emocional com o público ao apresentar métodos e resultados da atividade científica, cativando-o para a Ciência de maneira lúdica e envolvente.

Como professores e divulgadores de ciência, temos percebido a necessidade de levar a Química a um público amplo, haja vista a importância desse campo do conhecimento para a vida contemporânea. Abordar aspectos da vida pessoal e profissional de Lavoisier (1743-1794), destacando as demandas sociais que se acercavam dele e, principalmente, sua contribuição fundamental para a transição da Alquimia para a Química Moderna, mostrava uma potencialidade interessante.

Lavoisier foi fundamental para a ruptura com o paradigma alquímico, muito marcado por pensamentos mágicos e objetivos impraticáveis, contribuindo fortemente para a instituição de uma Química afinada com os princípios científicos que vinham se impondo à época. Lavoisier combateu duramente a forma como a Química ainda se mantinha vinculada à Alquimia medieval e renascentista, passando a criticá-la como uma "estrutura vacilante" a qual seria preciso demolir para, então, reconstruí-la do zero (Bell, 2007). Por essa postura firme e, por vezes, arrogante, envolveu-se em fortes embates no meio científico, resultando em que fosse não apenas combatido por suas ideias, mas, em algumas circunstâncias, odiado.

É uma história emocionante, de um período que se fez notar por uma efervescência política e social que culminou tragicamente para Lavoisier, o que carrega todos os elementos essenciais de um texto dramatúrgico: protagonista e antagonista, obstáculos, conflitos e objetivos dos personagens (Stanislavski, 1970, 1972). A potencialidade do teatro é imensa e pode intermediar distintas formas de percepção, envolvimento, aprendizagem interdisciplinar e intervenção na realidade, tanto para a educação formal, escolar, quanto para a educação não formal em ciências.

Tanto como artefato cultural, amplamente disponível, quanto na escola, o teatro pode colaborar para a formação cultural do público, estimulando o seu senso crítico e propondo discussões que contribuam para a formação de uma cidadania crítica. Em vista do valor histórico do teatro, reconhecidamente um espaço de reflexão humana e de socialização de conhecimentos e valores, a linguagem teatral se mostra relevante como recurso pedagógico (Salomão, 1998). Com o teatro, é possível trabalhar conceitos e fenômenos científicos de forma lúdica e agradável, despertando o interesse e promovendo aprendizagens (Montenegro *et al.*, 2005).

Segundo o ator Carlos Palma, que, à frente do Núcleo Arte e Ciência no Palco conquistou diversos prêmios com montagens em que se discutem dilemas morais, guerras, ética e o papel do cientista na história (Palma, 2006), o teatro é uma ferramenta poderosa de divulgação científica, capaz de levar a ciência ao público estimulando reflexões sobre a relação entre ciência e sociedade, o que vem ao encontro de nosso objetivo: de que a linguagem teatral resulte em boas mediações para a aprendizagem dos conteúdos científicos e para a produção de conhecimentos e valores; que gere oportunidades de reflexão e construção de conhecimento junto ao público escolar e não escolar, mobilizando sua subjetividade, saberes e desejos.

Uma peça teatral contextualizada historicamente na vida do "pai" da Química Moderna, Antoine-Laurent Lavoisier, pode conter os elementos trágicos que são aspectos fundamentais do teatro, conforme descritos por Aristóteles em sua "Arte Poética"[1]. Tem potencial para sensibilizar um público amplo, mesmo leigo, mostrando-se uma ferramenta adequada para a divulgação científica. Com esse sentido, o texto elaborado buscou apresentar não apenas uma biografia do renomado cientista, mas abordar o desenvolvimento científico com suas contradições, dando à Ciência sua feição de construção humana, produto de uma história e de uma cultura. Sendo um texto a um só tempo denso e sintético sobre Lavoisier e sua obra, ressaltou a descontinuidade que este cientista provocou no que se vinha formulando enquanto conhecimento sobre a natureza dos materiais e suas transformações, o que fez surgir uma ciência inovadora, de caráter teórico-experimental, denominada Química.

[1] Obra provavelmente registrada entre os anos 335 AEC e 323 AEC, mas que, ainda hoje, exerce influência decisiva sobre o modo como concebemos e discutimos nossas histórias.

A peça, de curta duração (cerca de 30 min.), foi encenada em várias oportunidades. Ao disponibilizá-la neste livro já a tínhamos exibido a cerca de 1.200 (mil e duzentos) espectadores, de quem obtivemos, formalmente, avaliações muito positivas.

Construída para atender tanto demandas escolares quanto de popularização da ciência, a peça encenada, denominada *"Lavoisier: da Alquimia à Química Moderna"*, é composta por seis cenas: A primeira fala sobre as dificuldades de um(a) professor(a) com sua classe e sobre a ideia de usar o teatro como ferramenta pedagógica; as cenas seguintes narram o enlace de Lavoisier com sua esposa Anne-Marie, a animosidade e o debate científico de Lavoisier com Marat, na Academia de Ciências Francesa (empregando-se, aqui, experimentos com que eles procuram provar suas teorias), a prisão e o julgamento do nosso herói; e, por fim, a volta à escola, com a notícia da aprovação dos alunos.

Para tratar deste tema, o processo de elaboração e as orientações para a encenação estão aqui descritos em cinco capítulos, que abordam, respectivamente: as referências teóricas acerca de teatro e educação científica formal e não formal; a pesquisa histórica que fundamentou a escrita; o texto completo da peça; o detalhamento dos recursos cênicos; e nossas considerações finais acerca deste empreendimento.

Como Apêndice, temos uma fotonovela produzida a partir da peça teatral, a qual disponibilizamos como "libreto", para que o público presente às exibições a tenha como registro dos acontecimentos vistos no palco. Ou para que seja usada, de forma independente, como material introdutório ou complementar ao tema.

Desejamos que seja uma boa leitura.

Que seja inspiradora para trabalhos semelhantes, mas, principalmente, que seja um texto que se faça útil, reproduzido em outros contextos e oportunidades.

Os Autores

CAPÍTULO I



TEATRO, EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA

O teatro [...] é a soma de todas as linguagens artísticas. O absurdo é que não seja usado! Dentro de cada um de nós existe o ator que atua e o espectador que observa: nós somos teatro.

(Boal, 2020, p. 6)

TEATRO

O Teatro, como o conhecemos, nasceu na Grécia, no final do século VI AEC. Segundo Bárbara Heliodora (2008), essa origem, não muito precisa, parece ter resultado de transformações por que passaram os cultos a Dionísio, deus das festas, da fertilidade, da alegria... e do vinho. Seus seguidores realizavam uma procissão cantando hinos, num ritmo conhecido como *ditirambos*. Esses cânticos eram entoados por um coro de até cem homens ou meninos que tinham um líder, o *corifeu*, que narrava as principais façanhas do deus. Um dia, em alguma dessas festas, Thespis, um corifeu, vestiu-se como Dionízio e, em lugar de referir-se ao deus na terceira pessoa – "Dionísio fez…" – passou a dizer "Eu fiz...", em diálogos com outro corifeu, que o substituía como líder do coro. Acredita-se que assim tenha surgido o primeiro ator – aquele que age no lugar de outrem – e o Teatro como *representação*.

Com o passar do tempo, esses festivais evoluíram em tamanho e complexidade. Os autores e atores passaram a expressar suas respectivas visões de mundo, representando os diferentes comportamentos humanos diante de determinada situação, e as apresentações, antes em lugares improvisados, passaram a ocorrer em locais mais adequados a receber o público que as iria assistir.

Aristóteles, filósofo grego que viveu em meados do século IV AEC, sendo testemunha do nascimento do Teatro, escreveu sobre a nova arte chamando a atenção para o fato de que ela (como as outras artes) é uma *imitação*. Em sua "Poética" (ou "Arte Poética", a depender da tradução), tida como a primeira grande obra de teoria literária ocidental, Aristóteles define Arte como *mimesis,* imitação da realidade, e analisa o Teatro a partir da estrutura narrativa, enredo, personagens e verossimilhança desse conjunto. Aristóteles mantém-se uma referência importante para que compreendamos o Teatro, ainda hoje. Sua "Arte Poética" é a obra teórica mais estudada pela estética e a filosofia da arte, de todos os tempos (Heliodora, 2008).

O teatro se expandiu enormemente na Europa nos séculos XVI e XVII. Vários autores dessa época produziram textos brilhantes que são montados até

hoje. Na Itália, podemos destacar Nicolau Maquiavel; na Espanha, Lope de Vega; na Inglaterra, William Shakespeare; na França, Jean-Marie Poquelin, conhecido como Moliére; entre outros.

Destaca-se, para a prática do Teatro, a série de livros sobre formação teatral escrita pelo russo Constantin Stanislavski, pseudônimo de Constantin Sergeevich Alexeiev (1863-1938), que fundou o Teatro de Arte de Moscou (TAM). Foram publicadas em português quatro de suas obras – "Minha Vida na Arte", "A preparação do Ator", "A Construção da Personagem" e "A Criação de um Papel" (Stanislavski, 1964, 1970, 1972, 1989) – as quais compõem um sistema de atuação em que são propostas técnicas de treinamento e preparação para atores e atrizes, bem como os procedimentos a serem usados nos ensaios. As orientações de Stanilaviski foram importantes para o trabalho que desenvolvemos e que compartilhamos aqui.

TEATRO NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA

São intensos os esforços para que a sociedade, em geral, se torne alfabetizada cientificamente, ou, trazendo o conceito para uma forma mais contemporânea de abordá-lo, que se torne *letrada* em questões sócio científicas. Em diálogo com Santos (2007), empregamos o termo *letramento* por buscarmos enfatizar a função social da educação científica contrapondo-nos ao restrito significado de *alfabetização*, por muito tempo direcionado ao conhecimento da linguagem científica sem preocupações em alcançar os impactos da Ciência sobre indivíduos e sociedade. Mobiliza-nos nesse sentido a convicção de que o avanço do conhecimento, na era Moderna, foi tão vigoroso que estamos hoje, em todo o mundo e por diferentes aspectos ou razões, sob profunda influência da Ciência e das mais diferentes tecnologias, de modo que o Teatro, como espaço de reflexão humana e de socialização de conhecimentos e valores, como demonstrado desde os gregos, faz-nos atentar para o quanto é relevante usar esta expressão artística como recurso pedagógico a fim do letramento científico.

Enquanto modo de expressar visões de mundo, representando comportamentos humanos diante de acontecimentos que podem, entre outras possibilidades, dizer respeito à construção do conhecimento, o Teatro se mostra um recurso potente para contribuir com a aprendizagem dos conteúdos científicos e para a

reflexão em torno de questões éticas presentes na construção e na disseminação da Ciência. Potente, sobretudo, para gerar junto aos alunos e professores oportunidades de envolverem-se na construção coletiva do conhecimento, expressando sua subjetividade, mobilizando saberes e desejos para a inventividade e a construção do novo.

Reforça essa ideia, assumir, como destaca Heliodora (2008), que a linguagem teatral provoca interações subjetivas entre o texto encenado e o público, baseadas nas emoções. E que, por essas características, tem possibilitado abordar aspectos ainda pouco explorados na educação científica, como questões socio científicas controversas, questões sociais que influenciaram personagens importantes para a história da ciência, ou os modos como estas foram recebidas em sociedade (Moreira; Marandino, 2015).

De fato, considerando as possibilidades identificadas na Arte enquanto contribuições, tanto para o campo produtivo, quanto para o campo emocional e afetivo, pode-se pensar que os diálogos inusitados entre a técnica, a estética e a poética – diálogos que se podem promover na arte teatral – possibilitam revisitar certos conteúdos científicos (discursos e práticas) considerados densos, descontextualizados e herméticos, para torná-los mais palatáveis e mais próximos da realidade. No ambiente escolar, as possibilidades dadas pelo teatro são imensas e podem intermediar distintas formas de percepção, envolvimento, aprendizagem interdisciplinar e intervenção na realidade da escola. O teatro favorece o surgimento de elementos ditos de "escape", ou "linhas de fuga", o que significa envolver-se de modo mais ativo e desejante, fugir, literalmente, do cotidiano imobilizador e das formas cristalizadas de ensinar e aprender.

Acreditamos que, desse modo, se possa gerar uma transformação significativa na percepção da ciência, seja no que toca à sua história e natureza, seja no conceito de ensinar, que passa da ideia equivocada de instrução, de memorização, para a de construção.

Essas reflexões acerca do uso do Teatro na educação nos levam a afirmar que o mais fundamental não é o esquete ou peça teatral que se venha a criar ou encenar, mas a mudança que se espera na relação entre o público, especialmente os estudantes, e esse objeto: de uma passividade imobilizada e imobilizadora, para uma interatividade criativa e de apropriação intelectual, o que implica, nos

contextos escolares, em que tanto os docentes quanto os discentes possam aprender e exercitar, em situações concretas, o processo de decodificar, ressignificar e contextualizar os conteúdos de aprendizagem (Andrade; Moreira; Serra, 2012).

TEATRO PARA A DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA

Para a compreensão da linguagem científica necessitamos de algumas informações específicas, mas quando os símbolos ou signos próprios da Ciência não fazem sentido é quase impossível a comunicação e, se não compreendemos, nos desinteressamos.

De uma forma em geral, as artes comunicam, são uma impressão, um registro da experiência humana, de modo que é quase natural que a Ciência se aproprie das diversas formas de arte para se fazer chegar ao conjunto das pessoas, aos não especialistas: a ciência, em muitos sentidos hermética, se beneficia da arte, expressiva e comunicativa, para desvelar seus conteúdos. E aqui entramos no campo da Divulgação Científica.

A Divulgação Científica tem diversas definições, cada autor a compreende e define de acordo com suas experiências, conhecimentos e momento histórico. Mas há um cerne comum a todas: a preocupação em tornar a Ciência mais popular. Divulgação Científica é, entre outras coisas, difundir para um maior número de pessoas as inovações da ciência; levar a conhecer melhor a Natureza; despertar a curiosidade e o interesse científico; desmitificar o conhecimento, que por vezes parece restrito a poucos, com o propósito de formar cidadãos mais capazes de influir em questões importantes relacionadas à Ciência.

Com a Divulgação Científica a ciência se faz presente, um tema que foi abordado pelo físico Albert Einstein (1879-1956), cientista de competência reconhecida e grande respeitabilidade, que atribuiu a tarefa educativa à comunidade científica, entre suas responsabilidades, tendo em vista seu importante papel social:

> A comunidade dos pesquisadores é uma espécie de órgão do corpo da humanidade. Esse órgão produz uma substância essencial à vida, que deve ser fornecida a todas as partes do corpo, na falta da qual ele perecerá. Isso não quer dizer que cada

> ser humano deva ser atulhado de saberes eruditos e detalhados, como ocorre freqüentemente em nossas escolas, nas quais o ensino das ciências vai até o desgosto. Não se trata também do grande público decidir sobre questões estritamente científicas. Mas é necessário que cada ser humano que pensa tenha a possibilidade de participar com toda lucidez dos grandes problemas científicos de sua época, mesmo se sua posição social não lhe permite consagrar uma parte importante de seu tempo e de sua energia à reflexão científica. É somente quando cumpre essa importante missão que a ciência adquire, do ponto de vista social, o direito de existir (Albert Einstein, Berliner Tageblatt, 20 de abril de 1924, *apud* Moreira; Studart, 2005, p 142).

A fim de divulgar Ciência, há cientistas que escrevem livros em uma linguagem mais acessível, para leigos, assim como há jornalistas que se especializam em decodificar as diversas pesquisas para a população em geral, disponibilizando-a nas mídias, e há quem, em lugar de fazer relatos, se utilize de meios de expressão artística para falar *sobre* Ciência, sem o objetivo de informar, mas de despertar o interesse sobre um tema de caráter científico (Moreira; Massarani; Brito, 2002) – e aqui, entre outros, temos o Teatro.

No Brasil, o uso da linguagem teatral como meio para divulgar e popularizar a ciência já pode ser observado em diversas iniciativas bem-sucedidas. Estas experiências têm sido amplamente discutidas em diferentes textos (Lopes, 2005; Montenegro *et al.*, 2005; Cuomo, 2006: Palma, 2006; Silveira; Ataíde; Freire, 2009; Moreira, 2013: Chapela; Garritz, 2013; Sant'Ana; Moreira, 2021) que nos dão conta de que com o Teatro é possível relatar a história do desenvolvimento da ciência, encenar os cientistas no contexto de seu trabalho, apresentar e debater conceitos científicos e trazer à tona temas de interesse social. Como diz Moreira (2013),

> […] entendemos que a proficuidade da relação Teatro e Ciência reside na possibilidade de se conhecer a ciência para além dos seus conceitos ou experimentos, focalizando uma abordagem mais humanista. Assim, cientistas poderiam ser desnudados em seres humanos, com suas emoções e conflitos, e os experimen-

tos poderiam ser contextualizados, conhecendo-se os interferentes sociais que influenciaram nas grandes descobertas científicas. Nessa mesma perspectiva, seria problematizado o papel do cientista na sociedade, e sua imagem, questões a respeito do sentido da vida e do mundo e os dilemas éticos, políticos, religiosos e históricos relacionados à ciência (p. 61).

